

Aos meus filhos, Tiago e Sofia.
À minha sobrinha e afilhada, Júlia.

«Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade.»
Rowling, J.F. (2020) *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*.

Onde Estiveres

Título
Onde Estiveres

Texto
© Sara Damas Milheirão

Ilustrações
© Lícia Rodrigues

Coordenação da Edição
Alfarroba

Revisão e Edição
Andreia Salgueiro | Alfarroba

Design e Paginação
Catarina Amaro da Costa | Alfarroba

Impressão e Acabamento
Portugal

ISBN
978-989-9197-08-4

Depósito Legal
527 885/24

1.ª edição, março 2024

uma edição musical da Alfarroba
© março 2024, Alfarroba

telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt



Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização da editora.



Era uma vez um homem que vivia numa terra distante com o seu filho Artur.

Artur tocava violino desde criança. O som do violino sempre o fez voar e sonhar, muito para além do local longínquo que habitava. Sonhava ser um violinista famoso. Imaginava-se a esvoaçar nas nuvens de país em país para dar os seus concertos. Imaginava salas de espetáculo plenas, onde os aplausos ecoavam alegria.

Artur era uma criança encantadora, sensível e tolerante, com sentimentos muito nobres e com uma criatividade singular. Diziam na aldeia que tudo isto devia vir da música; da música que ouvia, que tocava, que o levava a viajar mesmo sem sair daquele sítio distante.

Mas, se vivia num sítio ermo e afastado, como teria Artur adquirido este gosto? Herdou-o de sua mãe. Uma senhora de origem inglesa, com uma educação requintada, que tudo deixou por amor.

O pai era um comerciante abastado, simples e honesto. Trabalhava de manhã à noite no seu negócio, com muita dedicação. Nada faltava ao seu filho a não ser a presença da mãe. Mary, era este o seu nome, tinha adoecido gravemente e, apesar de tudo o que o seu bom marido fez para a curar, nada resultou. A meiga e doce senhora, de olhos cor de avelã, cabelos louros aos cachos, de tez clara, esbelta e elegante, não resistiu. Artur tinha apenas sete anos quando ficou órfão de mãe. A sua mamã partiu. Voou para o Céu, diziam. Era a estrela mais brilhante que via nas noites escuras e frias.

Muitas vezes, o menino questionava-se: *Mas afinal o que é o Céu? Será que a mamã volta do Céu? Terá sido só uma viagem?*

Num fim de uma tarde, quando chegou a casa, o pai encontrou Artur a chorar desesperadamente. Soluçava. Não conseguia controlar o choro. Ao ver o pai, correu a abraçá-lo.

– Papá, por favor, diz-me o que de verdade aconteceu à mamã. Não percebo o que querem dizer com «foi para o Céu».

Sim, era mesmo uma súplica. Para uma criança de sete anos, era difícil de compreender esta ida para o Céu. Era necessário explicar-lhe de forma objetiva aquela metáfora.

Depois de confortar o menino, com muitos beijinhos e um abraço, o pai disse:

– Artur, meu filho, na vida temos duas coisas certas: nascer e morrer. É este o ciclo da vida. Nada podemos fazer para contrariá-lo. Há pessoas que morrem velhinhas e outras mais novas.

O menino ofegante prosseguiu:

– A mamã estava doente, eu sei! Mas não percebo, não quero perceber... quero a minha mãe aqui comigo! Por que tinha de ser a minha mãe? Não podia ter sido a de outro menino? A culpa foi minha? Eu fiz alguma coisa de mal? A mamã morreu por minha causa?

Com tom apaziguador, o pai continuou:

– Artur, que disparate! Tu és o filho mais carinhoso que conheço. Sempre foste um menino bom. A mãe orgulhava-se de ti, de tudo o que fazias! A mamã morreu, porque assim teve de ser, meu filho. Não escolhemos o dia em que nascemos e também não escolhemos o dia em que morremos.

– Então, se a mãe pudesse escolher, ela não tinha morrido? Não me tinha deixado?

Artur procurava consolo para o que sentia.

– Claro que ela queria ficar contigo. Se ela pudesse escolher, escolhia-te a ti. Nunca duvides disso!

Artur estava mais calmo. O homem amava incondicionalmente o menino. Tudo fazia para apaziguar a sua tristeza. Foi, então, que se lembrou de um desejo antigo do menino: Artur há muito que mostrava vontade de ter animais de estimação. Os que mais o encantavam eram cães e papagaios. Na tentativa de lhe aportar algum consolo, o pai resolveu presenteá-lo com dois amigos especiais.

Chegou a casa muito sorrateiro e chamou pelo filho:

– Artur! Artur! Desce, por favor!

– Já chegaste, papá? Vou descer!

– Hoje, tenho uma surpresa para ti! Parece-me que vais gostar. Não te faltará companhia!

– Surpresa? Para mim? Companhia? Não me digas que...

Artur foi interrompido abruptamente:

– Aqui tens: o cão e o papagaio que há tanto deseavas! Espero que te divirtas com eles, que vivas verdadeiras aventuras! Os nomes já estão escolhidos, não é?

– Claro! O cão é *Mozart* e o papagaio *Terrível*. Mal posso esperar para começar a viver aventuras e a criar memórias incríveis com eles. Eles vão trazer muita alegria às nossas vidas. Tenho a certeza.

Artur abraçou profundamente o cão. Soltou o papagaio, que se abanava todo e ondeava à sua volta, como que a desafiá-lo para brincadeiras sem fim. O cão sacudia o rabo para todos os lados e ladrava de forma diferente. Mostrava uma alegria contagiante, assim como Artur.

– Sei que nos vamos entender através dos nossos olhares e gestos. A partir de hoje, seremos como os três mosqueteiros: um por todos e todos por um!

Depois disto, apertaram-se num abraço reconfortante como se todos estivessem a precisar daquele carinho.

O final do dia estava bonito. Foram para o jardim. Assim se iniciou uma grande cumplicidade, uma verdadeira amizade.

Nos dias solarengos, saíam entusiasmados. O destino era sempre o mesmo: a floresta assombrada, como lhe chamavam. Percorriam um longo caminho até lá chegar. A floresta parecia vazia e até esquecida no tempo. Dizia-se que era visitada por um lobo mau, que por ali aparecia em busca de alimento. Mas não havia relato de que o lobo alguma vez tivesse atacado os visitantes que por ali andavam.

Estes amigos inseparáveis, comandados pela curiosidade, embarcavam cada dia numa aventura inesquecível, repleta de emoções, em busca do lobo! Até hoje, não conseguiram tal proeza! Mas, aventureiro que é aventureiro, não desiste perante as adversidades. Esta busca incessante um dia dará

